

**ORFEU BRASÍLICO (1736)
TRADUÇÃO E ESTUDO DA FORMA POEMÁTICA *ELOGIUM*¹⁴³**

Cristina Mascarenhas da Silva (UFGD)

cris_mascarenhas07@hotmail.com

Thissiane Fioreto (UFGD)

thifioreto@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo visa apresentar os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida na FACALE/UFGD, cujo objetivo é a tradução e estudo do *elogium*, uma das formas poemáticas encontrada no documento *Orfeu Brasílico (1736)*. Trata-se do opúsculo escrito em latim por alunos do colégio jesuítico na Bahia, organizado e editado pelo Pe. Francisco de Almeida, na ocasião de recebimento do título de Venerável pelo Pe. José de Anchieta. As traduções realizadas do *elogium* foram feitas a partir de uma edição paleográfica do poema, desenvolvida em uma pesquisa anterior. Antes de iniciar a tradução, criou-se um vocabulário específico do texto, contendo o máximo de palavras encontradas. Essa pesquisa contribuirá para os estudos anchietanos e para conhecer aspectos do uso do latim no Brasil Colonial.

Palavras-chave: *Elogium*. Latim. José de Anchieta.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados finais da pesquisa de Iniciação Científica (2010-2011), desenvolvida na FACALE/UFGD, que consistiu na tradução e no estudo do *elogium*, forma poemática encontrada no documento *Orfeu Brasílico (1736)*.

O opúsculo *Orfeu Brasílico (1736)* foi organizado e editado pelo Pe. Francisco de Almeida, clérigo do colégio jesuítico da Bahia, a partir da seção literária realizada na ocasião de recebimento do título de Venerável pelo Pe. José de Anchieta, havendo na ocasião uma grande expectativa por uma possível canonização.

O trabalho de tradução foi desenvolvido sobre uma perspectiva filológica, que de acordo com Bassetto (2005, p. 43): “[...] tem por objeti-

¹⁴³ Uma versão deste trabalho foi publicada nos anais do 2º Encontro de Ensino de Graduação, 4º Encontro de Pós-Graduação, 5º Encontro de Iniciação Científica, 5º Encontro de Extensão da UFGD – ENEPE.

vo a reconstituição de um texto, total ou parcial, ou a determinação e o esclarecimento de algum aspecto relevante a ele relacionado”.

Assim, a reedição do texto foi feita pelo professor Sebastião Tavares Pinho e sua equipe, que encontrou dois exemplares do opúsculo, um na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o outro na Biblioteca de Ciências de Lisboa; como o primeiro encontrava-se mutilado, os pesquisadores optaram por trabalhar com o exemplar da biblioteca de Lisboa. A partir desse trabalho que se situa esta pesquisa de base filológica.

Desse modo, conforme as traduções foram sendo realizadas, foi possível identificar as construções de neologismos, a influência do período fonético/fonológico da língua portuguesa, as características gráficas do texto, entre outras particularidades do latim da época.

2. Metodologias e fontes

Para a realização das traduções foi necessária a pesquisa em três dicionários, pelo fato de que os vocábulos não foram todos encontrados em apenas um deles, assim, o trabalho iniciou-se com o *Dicionário do Latim Essencial* (2005) de Rezende e Bianchet, e teve continuidade com os dicionários *Dicionário de Latim-Português e Português-Latim* da Porto Editora (2006) e *Dicionário Escolar Latino-Português* de Ernesto Faria (1955).

Para a criação do vocabulário, optou-se por enunciar a palavra da forma em que ela aparecia no *Elogium*, seguido da forma enunciada no dicionário, deste modo, sendo substantivos, destacava-se o caso, a declinação e o número; no caso de verbos, apontava-se a conjugação, pessoa e tempo verbal, colaborando para que, no momento da tradução, o trabalho com a sintaxe latina fosse facilitado, visto que alguns verbos mudam a regência na versão do latim para o português. A opção de organizar o vocabulário desta forma foi para diminuir o tempo de procura das palavras no vocabulário, já que em latim a enunciação no dicionário ocorre de outra forma, por exemplo, o verbo *provocatur* (provocar) *provōco, -as, -are, -avi, -atum*, destacando que a forma que está no texto é a da voz passiva.

Grafou-se também a bráquia (˘), indicação de vogal breve latina, como por exemplo, no nome *elogium, ĩi*. Trata-se de uma indicação fonética latina, mas não indicam tonicidade como na língua portuguesa, de

acordo com Harvey (1987), a métrica utilizada indicava o ritmo dos poemas.

Na medida em que as traduções foram feitas, atualizou-se o vocabulário, colocando as palavras tais quais são enunciadas no dicionário, seguido das traduções adotadas no texto. Esta estratégia é relevante para que se crie um vocabulário específico do texto, auxiliando nas traduções de outras formas poemáticas encontradas no *Orfeu Brasílico* (1736).

Na composição do vocabulário, algumas palavras, como, por exemplo, os adjetivos e os pronomes, tiveram que ser estudadas com base na *Gramática Latina* de Júlio Comba (2004), e em *Iniciação ao Latim* de Zélia de Almeida Cardoso (2006), uma vez que somente a consulta aos dicionários não foram suficientes, como foi o caso de *nobilissimum*, superlativo de *nobilis*, *-is*, adjetivo de 2ª classe, que ao ser usado no superlativo passa a ser declinado como de 1ª classe. A própria construção com o sufixo “*issimu*” só foi compreendida com o auxílio de textos normativos da língua.

Mesmo na tradução foi necessário o auxílio da gramática, já que o texto apresenta questões sintáticas complexas, do período composto latino, como o AcI (acusativo com infinitivo) e ablativo absoluto.

Durante o processo de tradução foram encontrados neologismos como *Brasilia*, *Brasiliensis*, *Joseph*, além de outras particularidades que serão explanadas a seguir.

3. Resultados e discussões

O *elogium*, forma poemática dividida cinco partes: *sinopsis* (sinopse); e os subtítulos *terra* (terra); *mare* (mar), *aer* (ar) e *ignis* (fogo), foi traduzido apenas até a seção intitulada *terra*, pelo fato de que se trata de um poema longo, 213 versos, em que suas construções sintáticas são complexas; somando ao fato da presença dos neologismos e de palavras que não foram encontradas no dicionário de latim clássico.

De acordo com Fioreto e Silva (2010, p. 10): “O *elogium* é considerado um panegírico, ou seja, uma forma poemática com função essencialmente laudatória”. Ainda, na mesma perspectiva, considerou-se legítimo o uso desta forma por fazer uma alusão a um religioso, no século XVIII, por religiosos da mesma ordem, assim, visando criar uma imagem ideal do clérigo, haja vista que uma das funções do panegírico era justa-

mente essa. Conforme Fioreto e Silva (2010, p. 10)

A função do panegírico foi sempre política. O objetivo era estimular nos ouvintes ou leitores o desejo de emulação das virtudes louvadas no discurso. Isto cumpria-se, geralmente, colocando perante o receptor uma imagem ideal dele mesmo. Toda a ênfase do panegírico recaía sobre os valores que estavam supostamente na base da prática governativa da pessoa em causa. A ideia era conferir um sentido de legitimidade e segurança ao detentor do poder estabelecido, de um modo que o persuadisse a tornar-se melhor governante.

Para tal efeito, elogiou-se José de Anchieta, comparando-o aos quatro elementos da natureza, para dar sustentação as boas qualidades do religioso. Ao compará-lo a *Terra*, de acordo com Fioreto e Silva (2010), atribui-se a Anchieta uma imagem de humilde; na seção com o título *Mar* há uma série de alusões bíblicas findadas na ideia de que somente Deus tem o poder sobre as águas, dessa forma, somente o clérigo teria poder sobre a cultura indígena; já na seção denominada *Ar* cria-se a ideia de que só o religioso ligaria o céu à terra por meio da catequese; e, por fim, na seção de nome *Fogo* se faz alusão ao fenômeno de Pentecostes, em que o Espírito Santo desce sobre os apóstolos em forma de línguas de fogo, segundo a Bíblia e os ensinamentos cristãos.

No entanto, não foi possível aprofundar-se nesta discussão devido à ausência de manuais de literatura que discorram sobre formas clássicas, especificamente sobre o *elogium*, havendo, assim, poucos elementos para a análise formal do poema.

A partir das traduções iniciadas, compreende-se que o uso do latim nesse período é feito de forma particular, como exemplo, tem-se os neologismos *Brasilia* e *Brasiliensis*, trata-se de um adjetivo pátrio, de 2ª declinação. Os neologismos dentro da sintaxe latina tornam o texto mais complexo, pois em latim se tem as declinações e dentro dela os casos, com suas terminações que determinam a função sintática exercida pela palavra. Com a presença dos neologismos, a primeira etapa foi identificar o significado de cada um deles, seguido da declinação e consequentemente do caso, para chegar a uma tradução.

Observou-se que a palavra *Brasilia* pertence à primeira declinação e tem o significado de Brasil, já *Brasiliensis* é uma palavra pertencente à segunda declinação e traduz-se por brasileiros, um adjetivo pátrio. Porém, o que parece simples torna-se complexo, porque o primeiro uso no *elogium* de *brasiliensis* é na seguinte oração: “*ELEMENTRUM CONSPIRANTIUM in Brasiliensis Orphei Laudes*”, considerando que a palavra é precedida de *in* (de significação dupla: posição estática ou movimento)

se tem duas possibilidades “nos brasileiros” ou “para os brasileiros”, tendo a hipótese ainda de ser uma palavra empregada no genitivo de terceira declinação seria “do brasileiro”; posta ainda de forma livre. Logo, pensou-se que o mais viável era estar na 2ª declinação e traduzir como “DAS CONSPIRAÇÕES DOS ELEMENTOS/ Louvores para os brasileiros de Orfeu”.

O mesmo caso de *Brasilia*, que pela estrutura foi associada à 1ª declinação. A primeira vez que o vocábulo aparece no texto é no verso “*Brasilia canorum sensit*”, assim, pelo fato de sua estrutura assemelhar-se com a das palavras femininas (eram em maioria de primeira declinação) e pela oração ficar sem sujeito se a palavra fosse de 2ª declinação, a solução foi considerar *Brasilia* como palavra de primeira declinação, sendo, portanto, considerado o sujeito dessa oração.

Ocorre também uma mudança na grafia do verbo *faedere*, não encontrada no dicionário com esta escrita, mas julgando que o ditongo latino *-ae* em sua pronúncia clássica era lido quase como um “i”, procurou-se no dicionário o vocábulo *fidēre*, traduzido como “confiar”, e pela sintaxe da oração a hipótese se confirmou. Essa particularidade se dá por tratar-se de um ditongo, que segundo Comba (2004, p. 28), quando há ditongos de terminação *-ae*, como o caso de *rosae*, lê-se *rose(i)*. Pode-se considerar a hipótese, uma vez que os dicionários de latim não registram a forma empregada no poema do verbo, e por ler-se como “i” considerou-se que a grafia feita pelo autor foi influenciada pela pronúncia.

Explique-se também o que foi considerado um erro de uso no adjetivo *quaternionem*, declinado como adjetivo de terceira classe no poema, contudo, como é um numeral, pela regra, deveria ser declinado de acordo com o paradigma dos adjetivos de primeira classe, o que não ocorreu, mas ainda não foi esclarecido o porquê desse erro.

No subtítulo *Terra* aparece o nome *Joseph*¹⁴⁴, hebraico, de tradução José, que foi considerado um neologismo por não pertencer a língua latina, não sendo declinado conforme o paradigma de substantivo. A incógnita é que como ele é hebraico, provavelmente não está previsto na estrutura declinatória dos nomes em latim, assim, como saber em que caso ele se encontra? Pela estrutura sintática é feita a dedução de que se trata do sujeito, pois a palavra só aparece uma vez no *elogium*.

¹⁴⁴ <<http://nomes.netsaber.com.br/nome-3445/origem-significado-nome-joseph.html>>. Acesso em: 13-06-2011.

Ainda na parte intitulada *Terra* há um jogo sintático próprio do latim, que se fundamenta na economia de palavras, ou seja, no idioma latino procura-se evitar a repetição e, neste documento, visando escrever de acordo com os clássicos, Francisco de Almeida troca a palavra *Terra* por um pronome relativo, o *quae*, o que graficamente é colocado em evidência:

TERRA

Prior in medium se confert Tellus,
Cujus motum gravitas modo non impedit,
Sed expedit,

QUAE,

Ut pote gravata pondere,

O autor coloca o pronome relativo *quae*, que conforme Júlio Comba (2004, p. 73) deve fazer referência nesta estrutura ao sujeito: “O nome a qual se refere o pronome relativo chama-se *antecedente*. Em latim, o relativo concorda com o seu antecedente em *gênero* e *número*; o caso do relativo depende da função sintática por ele exercida na oração [...]”.

Conforme a regra o pronome relativo só pode fazer referência a um termo anterior, no caso da oração não havia possibilidade de concordância, porque *quae* necessariamente precisava concordar com um nominativo feminino, tendo a possibilidade somente de concordar com *Terra* exposto no texto de forma gráfica.

Esta característica, em conformidade com o caráter sintético do latim, aponta para a manutenção da tradição que se estabelecia em terras coloniais. Conforme apontado por Fioreto e Silva (2010, p. 9), o latim era empregado por ser considerado uma língua nobre, sendo o seu emprego coerente com a demonstração de erudição e com o princípio de emulação dos clássicos, prescritos pela orientação de escrita da época, isto é, a Poética Clássica.

Outro aspecto que não está de acordo com o latim clássico, tratando-se de uma influência da língua portuguesa, é a nasalização de alguns vocábulos, pois no lugar de *m* e *n* usa-se o til (~), exemplos: *Anchietã* (*Anchietam*); *tâtũ* (*tantum*); *primũ* (*primum*); *fulcimêtũ* (*fulcimentum*).

De acordo com Coutinho (1973, p. 71):

Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.

Conforme o estudioso, o uso da nasalização é empregado até o século XVI, mesmo assim, comprovadamente com os exemplos do texto, tem-se no século XVIII resquícios do uso dessa forma de escrita. Nesse período a ortografia da língua portuguesa ainda não é regular; ou seja, não havia uma norma ortográfica oficial, e a influência dessa irregularidade pode ser verificada no texto, pois uma mesma palavra aparece de duas (ou mais) formas: *Brasiliësis/Brasiliensis*.

Sublinhe-se ainda alguns casos em que as palavras não puderam ser traduzidas por não serem encontradas em nenhum dicionário de latim, como, por exemplo a palavra *lupetunt*. Explique também que a tradução ainda é *ipsis litteris*, ou seja, tal qual as palavras aparecem no texto, sem os devidos ajustes para a língua portuguesa, visto que esses ajustes só poderão ser feitos com base no contexto, o que só deverá ser realizado com a tradução integral.

4. Considerações finais

As traduções realizadas até o presente momento resultam de uma edição paleográfica desenvolvida na pesquisa de Iniciação Científica pelas mesmas autoras, no período de 2009-2010, torna mais acessível o trabalho de versão de textos manuscritos, haja vista que a escrita do século XVIII difere da contemporânea. Tal pesquisa está inserida no projeto de pesquisa da docente Thissiane Fioreto, de nome “Uma abordagem filológica do documento *Orfeu Brasílico (1736)*”.

As particularidades observadas no *elogium* dão base para uma visão geral do documento, colaborando para as traduções posteriores do mesmo opúsculo. Contribui-se, ainda, para o conhecimento da orientação de escrita naquele contexto.

A tradução total do *elogium* não foi finalizada por ser um documento extenso, que requer um conhecimento amplo de língua latina, e pode-se contar apenas com um semestre de língua latina no curso de letras, atenuado pelo fato dos estudos individuais das pesquisadoras continuarem concomitantemente com a pesquisa. A proposta inicial era traduzir o *elogium*, mas não foi possível por contar-se com apenas um ano de

pesquisa, destacando que a compreensão da língua leva um tempo bem maior que este.

Todavia, com as traduções já realizadas pode-se dar continuidade a tradução dessa forma poemática, aprofundando-se no conteúdo do texto, pois o *elogium* apresenta um louvor a Anchieta por meio dos quatro elementos (*terra, mare, aer, ignis*), versados para o português. Foi possível, portanto, compreender melhor como ocorre este elogio.

A versão do texto, mesmo que parcial, colaborará para entender o próprio gênero *elogium*, que carece de fontes nos manuais e dicionários de termos de literatura clássica, além de contribuir com os estudos anchietanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francisco de. *Elemental, o venerável Padre José de Anchieta, taumaturgo do novo mundo e apóstolo do Brasil*. Edição fac-similada. Coimbra, 1998.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*, v. 1, 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. São Paulo: Ática, 2006.

COMBA, Júlio. *Gramática latina*. São Paulo: Salesiana, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

DICIONÁRIO latim-português/português-latim. Porto: Porto Editora, 2006.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

FIORETO, T.; SILVA, Cristina Mascarenhas da. Um estudo do *Elogium* em Orfeu Brasílico (1736) sob uma abordagem filológica. In: ENEPE - Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da UFGD, 2010, Dourados (MS). *Publicações do ENEPE - Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da UFGD*. Dourados: UFGD, 2010.

REZENDE, Antonio Martinez de; BIANCHET, Sandra M. G Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida/Tessitura, 2005.

ANEXOS

ANEXO I

SINOPSIS

*Elementorum Conspirantium
in Brasiliensis Orphei Laudes:*

Elogium

*Primis nunquam valedicet elementis,
Qui semel Anchietā suscepit salutandum:
Incipiet ad limen repedare,
Ubi se fingit limitem attigisse.
Exhausto igitur argumento,
Scenam cogimur redordiri,
Ubi regressus progressum faciat.
Longissimu adeo prorogat intervallo Herois nomen,
Ut quatuor tātū elementis nequeat terminari.
Sed quando alia non luppetunt,
Actum agere, necesse est.
Quantumvis rudes videamur tyrunculi,
In elementario ludo rursus uersabimur.
Omnia in unum tandem coalescant,
Quo unita virtus fortius agat.
Fidem denuo instaurabunt elementa
Quam olim ruperant:
Quidni amico faedere copulentur:
Brasiliensis si fidice fidibus pergat?
Et quem Patria Canarium [...]
Brasilia canorum sensit
Elementa,
Si vates reste canunt,
Vocum exhibent quaternionem.
Altiolem quidem conceptum facient,
Si modo coeant.
Omnium licet non idem sit tenor,
Hic tamen omnes argutem sonant
In eam si quidem conspirant harmoniam,
Cujus munus argutari est*

TERRA

*Prior in medium se confert Tellus,
Cujus motum gravitas modo non impedit,
Sed expedit,*

QUAE,

*Ut pote gravata pondere,
Extremum inire locum debuerat,
Primum ocupat.
Ne mireris:
Joseph auspice,
Usu ominibus venit incrementa sortiri,
Et viliora etiam in melius ruere.
Primū Telluris fulcimētū Acheitae humeri.
Centrum hic fixit magnitudinis,
[Quae] ulterius progredi non poterat.
Fortior Atlante visus est.
Caelum pariter fucollare, & terram,
Pondus ita sustinuit,
Ut nunquam inclinarit,
Licet curvaretur a tergo.
Exquo audiit novi orbis Adamus,
Costulā protēdit novam prolem formaturus.
Tellurem non ita dorso appendit,
Ut aliquando pedibus non supposuerit.
Humeros nacta est in fulcimentum,
Pedes vero ad famulatum,
Terraē voluit incertum,
Plus me suis palmis debuerit, an plantis?
Pedestre nempe iter dum facit,
Surgit e vestigio miraculum.
Sulcatus pedibus ager subita frodescit germinatione:
Non fallunt Anchietae vestigia,
Cujus plantae colonorū spem abūde satiant.
Plantulas,
Quae e pedibus pullularunt,
Oculi aluere,
Ne segeti [deessēt] fydera benigne afflanti,
Et miracula a canite prodierent ad calcem.
Tellus vel inculca sui Harmostae coluit imperium.
Vix tactu provocatur, statim floribus respondet,
Tanto quasi victa beneficio,
Herbam porrigeret.
Ni malis,
Setum e floribus annonam.
Tellurem nescio quis discum nuncupavit orbiculatū:
Quo princeps novi orbis coronetur.
Civicam, oportet, máxime intexat;*

*Interirent fame cives,
Ni uberrimam suppeditaret annonam.
Si discus est,
Fruges capiat,
Quas ferculis Anchieta largiter importat.
De fatis vero satis cum fecerit,
Pauca diximus.
Caetera,
Quae in agro floruerunt,
Sub rosā maneant.*

MARE

*E terra ad mare provocamur:
Impatiens obmurmurat,
Quod citius laudes non fluxerit.
Nobis tamen a littore excedendum non est,
Ne tāto repōdere in naufragiū copellamur
Quam plura hic leges,
Quae exhibent Anchietae articuli.
Dum littus exarant!
Digitos pro stylo usurpavit,
Vel ut omnia castigaret ad unguem,
Vel Deo affinis
[...] oram tribus digitis appenderet
Deus olim legem aquis imposuit,
Anchieta pondus adaptavit, [&] mensuram
Cum littus carminibus mensuraret.
Ubi mare redegit in servitutum,
Statim scribit,
Uti ligatum chirographo dominium foret.
Mare cogit ad nutum famulari,
Quando famulus a pedibus instituitur,
Postquam pedibus in arenam descendit,
Virginem sibi vinxit, & vicit.
Carminibus compensat amorem,
Qui omnibus fuerat numeris absolutus.
Versus littori inscribit, Mariae adscribit;
Hinc emendicat sales,
Quibus sua condiatur poesis.
Nemo felicius littus aravit:
Arenae laurum germinarunt.
Qua Marianus vates coronaretur.
Ita sibi providit,
Ut navigantiū etiam consuleret erroribus.
Chartam describit in littore,
Quam si [nauticam] nuncupes,
Non erras:
Inibi Stella maris subinde legitur.
Rectum ab errore,*

*Si nautae ad haec brevia asportentur:
Multa legent, plura colligent,
Tot sunt gemmae, quot carmina.*

AER

*Aer oratorem invitat bonis avibus:
Hic in laudes tot conspirant calami;
Quot volucrum plumae.
Pennae cedunt in plectrum,
Quo acrius insonet Brasiliësis Orphei lyra.
Exquo Aerem sibi fecit vectigalem,
Aves famularum praestirere.
Nullum hic [gessit] imperium,
Ni prius alires demore auspicarentur.
Virginem dum canit in littore,
Virgo dimisit oscines,
Quibus in vatem feliciter inauguraretur.
Una prae caeteris vatem demulcet avicula,
Quae vicissim in aures garriebat.
Visa est in arena Caballinum fontem libasse,
Ubi & Aves poetantur.
Gaudet Ave salutante,
Et sibi felix portendit augurium.
Virgineo corripitur amore,
Cum avicula primum involavit;
Quasi [illius] plumae velociores reddidissent fagittas,
Quas amor vibravit:
Vel Stymphalides volucres aemularentur,
Quae dum volant, spiculis vulnerant.
Noctuam dixisses,
[...] cantus alitem proderet,
[...] alioquin invigilat,
Ubi canit excultae Minervae vates.
At Philomelam portius aeltharim:
Certamen quidē amat [cū] Parthenio inire Cytharedo:
155. Vicisset fane,
Ni Canaria Anchietae Musa foret:
Cantus cum fortuna conjungitur:
158. Patria siquidem
Et canorum fecit, & fortunatum.*

IGNIS

*Ultimus Anchietae splendor ignis:
Eo magis illustrat, quo clarior,
Eo attollit viri imperium,
Quo reliquis sublimior elementis.
Incendium extinxit,*

*Quod non fine nocumento graffabatur.
Sed sopita flamma temperari amplius elucidaret.
Extincto igne,
Id nitoris virtus sib peperit,
Quem in accenso rogo vix conciperet.
Panēs nescio quae Pistrix clibano admoverat
Quo lente calesierent:
Haud Cerere abstinuit Vulcanus,
In igneas solvitur linguas,
Quibus porrectū sibi pabulum [...].
Puella sero advertit incendium,
Quasi oculi ad lucem caligarent.
Ad pulverē devenerat flammārū certamen,
Cum in cineres panes abierint.
Extemplo clamat;
Sed de panibus fuerat conclamatum.
Qui in busto jacebant.
Lachrymae ubertim manant;
Largo tamen profluvio incendiū non restinguitur.
Ubi adest Anchieta, simul abest ignis voracitas.
Cererem e busto revocat;
Et quae in Matre nil Opis repererat,
Anchietam sensit opitulantem.
Opima ab igne victoria reportatur:
Quantum pulveris exciverit in certamine,
Testentur cineres,
Panibus igne exemptis,
Jussit adere,
Non tamen in lucem.
Iile ori consuluit porrecto cibo.
Ut ipsa linguae faveret.
Quod Cereri res sacra erat,
Eleusinum oportuit silentium retinere.
Sed diu caelari nequeunt,
Quae in igne quis gefferit.
Nobilissimum virtutis specimen
Puella sparsit in vulgus.
Incendium.
Quod in panes saevierat,
In se transtulit.
Tanto victa beneficio.
Amore viro concaluit.*

SINOPSE

**Das Conspirações dos Elementos
Louvores para os Brasileiros de Orfeu**

ELOGIO

Em primeiro lugar jamais dirá adeus aos elementos,
Que definitivamente susteria para saudar Anchieta
Para o início começará retroceder,
Quando se imagina que o limite tenha sido atingido.
Sendo assim para o assunto discorrido (esgotado),
Somos conduzidos para a cena que será desfeita,
Onde o regresso fará o progresso.
O nome do Herói prorroga um longuíssimo intervalo de tal modo;
Que tão pouco não será terminado pelos quatro elementos,
Mas por outro lado não (a qualquer momento não) [luppetunt];
Coagir a ação, é necessário.
Ainda que sejamos vistos como os discípulos inexperientes,
No jogo elementar seremos revolvidos para trás,
Que eles desenvolvam finalmente tudo em um,
Que a poderosa virtude conduza para as unidades.
Os elementos renovarão novamente a fé.
Que outrora eles romperam:
Por que não confiar¹⁴⁵ que sejam unidos no amigo;
Se por ventura o tocador da lira continua a [tocar] as cordas da lira para os
brasileiros?
E a Pátria dos Canários [proclama] que,
O Brasil harmonioso (reconheceu, julgou, decidiu),
Elementos,
Se os poetas cantam convenientemente (bem),
Exibem quatro¹⁴⁶ das vozes.
Na verdade farão uma sinfonia para o alto,
Se apenas se reúnam,
Não é permitido que o mesmo seja
Aqui todavia todos cantam o melodioso,
Para aquele que realmente conspiram harmonia,
Cujo cargo é indicado

TERRA

No início a terra atrai para si o centro dos movimentos,
Para os quais a gravidade não impõe limite,
Mas dá a liberdade,

¹⁴⁵ Tradução do verbo *fīdere*, -is, que no texto está como *faedere*.

¹⁴⁶ Tradução de *quaternionem*, que por vez, deveria ser declinado como adjetivo de 1ª classe, mas a presente forma aponta para uma declinação de 2ª classe.

QUE (A TERRA)

Do mesmo modo a possível oprimida pela gravidade,
Fora obrigada ir para o seu lugar,
José, com poder, tendo feito tudo, vem distribuir crescimentos,